



O NEOFASCISMO NO BRASIL: ENTRE ESCALAS, ABORDAGENS E HISTORICIDADE

Neo-Fascism in Brazil: Between Scales, Approaches, and Historicity

Odilon Caldeira Neto^a

 <https://orcid.org/0000-0001-5926-528X>

E-mail: odilon.caldeira@ufjf.br

^a Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas,
Departamento de História,
Juiz de Fora, MG, Brasil.

DEBATE

NEOFASCISMO NO BRASIL/NEO-FASCISM IN BRAZIL/NEOFASCISMO EN BRASIL

RESUMO

Esta réplica busca refletir sobre o artigo "Neo-fascism in Brazil, from local to global?" a partir dos comentários de Camilo López Burian, Carles Viñas Garcia, David Magalhães, Fábio Gentile, Gisela Pereyra Doval & Gastón Souroujon, Janaína Martins Cordeiro e Larissa Jacheta Riberti. A estrutura da réplica está dividida em três pontos fundamentais: a questão das categorias de análise e conceitos mobilizados, a expansão e estrutura do neofascismo no Brasil, as possibilidades historiográficas a partir de questões comparadas, transnacionais e do campo de estudo sobre as direitas.

PALAVRAS-CHAVES

Neofascismo. Extrema Direita. Diretas radicais.

ABSTRACT

This replica aims to think about the article "Neofascism in Brazil, from local to global?" based on the comments of Camilo López Burian, Carles Viñas Garcia, David Magalhães, Fábio Gentile, Gisela Pereyra Doval & Gastón Souroujon, Janaína Martins Cordeiro and Larissa Jacheta Riberti. The structure of this reply is divided in three fundamental parts: the question of the categories of analysis and concepts mobilized, the expansion and structure of neo-fascism in Brazil, the historiographical possibilities from comparative and transnational issues and the field of study on the right wing.

KEYWORDS

Neo-fascism. Extreme-Right. Radical Right.



E uma grande satisfação ter o artigo “Neofascism in Brazil, from local to global?” como objeto de discussão neste número da revista *Esboços*. De igual maneira, é uma honra poder receber comentários críticos e elogiosos de colegas, pesquisadoras e pesquisadores, que são referências e interlocutores cotidianos em meus trabalhos. É bastante fortuito receber estes “olhares cruzados” e interdisciplinares sobre os argumentos desenvolvidos ao longo do texto, de modo que conseguirei avançar, na medida do possível, em algumas questões que, possivelmente, foram preteridas no manuscrito original.

Para dialogar com os comentários ao artigo, este texto está estruturado em três eixos fundamentais, de modo a articular as reflexões trazidas, assim como o diálogo com as autoras e os autores. O primeiro item delineado busca dialogar a partir das categorias de análises (e conceitos norteadores) no campo de estudo das direitas radicais e extremadas. O segundo argumento busca pensar a particularidade do neofascismo em torno de sua historicidade, no caso brasileiro, assim como uma maior amplitude analítica, incorporando outros fenômenos das direitas brasileiras organizadas nas últimas duas décadas. Por fim, o último item tem, por objetivo, pensar questões de escalas e métodos de análise, lidando, a partir de uma particularidade historiográfica, com questões como o comparativismo, o transnacionalismo e a historiografia das direitas brasileiras.

O ponto inicial tem como mote a discussão sobre as interfaces e os limites dos expoentes do neofascismo, no Brasil, com uma realidade política mais ampla e mais urgente, qual seja a formação do fenômeno bolsonarista e o governo de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, o argumento de Camilo López Burian, em “Apuntes sobre pensar el neofascismo brasileño en clave global” é pertinente em relação aos limites do neofascismo, como categoria de análise, para o olhar mais amplo da conjuntura brasileira mais recente.

A categoria “derecha neopatriota”, trabalhada largamente por José António Sanahuja e Camilo López Burian (2020; 2021) é um instrumento de grande capacidade heurística para dar conta do surgimento das direitas marcadas, nas últimas décadas, pela postura antiglobalista e de contestação à ordem liberal. Certamente, é possível perceber algumas características de continuidade (ou, ao menos, de diálogo) destas com os modelos “clássicos” do entreguerras, mas é importante considerar que algumas características dos fascismos carregavam consigo uma particularidade anti-iluminista que não pode ser equiparada, em totalidade, às reações promovidas por novos atores globais das direitas. Isto é, o olhar sobre as características comuns entre fenômenos atuais e antigos devem ser consideradas, também, a partir daquilo que as difere. Caso contrário, trataríamos de expressões de um eterno retorno.

Em linhas gerais, a comparação não pode ser uma tentação às falsas equivalências. Por mais que os agentes da “internacional reacionária” promovam retomadas de lógicas schmittianas, há novos aspectos – e uma conjuntura global – que trazem particularidades à atualidade. Dessa maneira, a interpretação que advogo é justamente que o olhar sobre o neofascismo tem por objetivo jogar luz à interpretação das continuidades, mas também das rupturas entre as novas e as velhas expressões das direitas. Afinal, se as organizações neofascistas constroem interlocuções geralmente episódicas com as lideranças do campo global das direitas, os limites desse associativismo são, possivelmente, atribuídos às novas facetas das direitas.

Nesse sentido, a distinção entre direitas radicais e extremadas pode ser útil para compreender essas tensões e colaborações. Concordo, contudo, com o argumento trazido por autores como Steven Forti (2021), pois as “esquerdas radicais” e “direitas radicais” não podem ser objetos de falsas equivalências, pois, não raramente, a primeira projeta discursos em busca de ampliação das democracias (em torno de grupos minoritários, defesa dos direitos humanos etc.), enquanto as direitas radicais apresentam um modelo

restritivo e cerceado que, em prática, pode ser uma via expressa para regimes autoritários. Talvez, um caminho viável seja entender a ultradireita como um processo entrelaçado às crises democráticas, no qual as duas categorias (radical e extrema) forneçam caminhos e facetas distintas para um mesmo e hipotético fim, ou uma certa cosmovisão partilhada.

No mesmo caminho, concordando com as críticas trazidas por Gisela Pereyra Doval e Gastón Souroujon (“Na trilha neofascista do governo Bolsonaro”) sobre uma razão iliberal que fornece um corte transversal nestas experiências distintas da ultradireita, compreendo que certamente há uma diferença em vários termos entre elas, tais como a relação com o neoliberalismo, o papel do Estado, os mitos políticos, e assim por diante. Contudo, o olhar baseado na realidade brasileira propõe possibilidades investigativas, que advogo como uma fortuna crítica.

O primeiro argumento é que, no caso brasileiro, a interface entre grupos distintos da ultradireita, como sendo uma característica fundamental do bolsonarismo, forneceu um sentido de coalizão interna ao longo dos últimos anos. Isso, inclusive, possibilitou o ingresso de grupelhos e lideranças neofascistas em um núcleo expandido do bolsonarismo. Em segunda ordem, ainda que seja possível concordar com os autores sobre a genealogia conservadora de Bolsonaro, compreendo que a amplitude do fenômeno envolve a retomada de elementos de uma historicidade propriamente dita das práticas da extrema direita brasileira, ultrapassando limites (mas incorporando facetas) do campo conservador. Afinal, o bolsonarismo se apresentou como um fenômeno massificado e de ambição mobilizadora, o que contrapõe as práticas propriamente ditas da política conservadora brasileira. A utilização da lógica amigo-inimigo, retomando o argumento trazido por Camilo López Burian, pode ser um ponto para o aprofundamento desta questão.

A partir disso, a interpretação do fascismo como uma “cultura política”, que incorporo na delimitação do neofascismo, fornece uma leitura pertinente sobre mitos e ritos de mobilização constante. É justamente nestes espaços e lógicas que o histórico da extrema direita, notadamente de inspiração fascista, que esse discurso sofre uma espécie de reificação. Contudo, é necessário estabelecer uma baliza distintiva.

O neofascismo, tal qual o modelo e categoria de análise manejado em meu artigo, possivelmente não dá conta da amplitude dos elementos de uma cultura política fascista presentes no amplo domínio da ultradireita brasileira, particularmente àquela convergente ao projeto e governo bolsonaristas. Mas isto não implica, por extensão, que Jair Bolsonaro e o bolsonaristas sejam exclusivamente integralistas. Em alguns casos, essa comparação poderia soar grosseira.

Mas é justamente no terreno das características das aproximações com o fascismo e o campo neofascista, que é possível pensar essas tramas de diálogos, inspirações e aspirações que fornecem trânsitos que ultrapassam os limites entre direitas radicais e extremas. Para isso, é pertinente pensar a partir das reflexões de David Magalhães em “Neofascismo brasileiro e suas articulações transnacionais: uma contribuição a partir das Relações Internacionais”, pois justamente está interessado em uma seara que ultrapassa a política formal, propriamente dita.

O edifício cultural do bolsonarismo, sintetizado, em grande medida, pela liderança de Olavo de Carvalho, possivelmente dialoga com os cânones e estratégias da metapolítica de origem na Nouvelle Droite. Faço uso do termo “possivelmente”, pois a persona de Olavo de Carvalho não raramente evitava fazer concessões intelectuais a pensadores e lideranças contemporâneas, de modo a garantir um certo ineditismo em suas leituras e estratégias. Contudo, me parece pertinente trazer em discussão se essa “postura” essencialmente cultural foi tributária quase exclusivamente da metapolítica vinda da Nouvelle Droite, ou se incluiu dois componentes de grande importância no fenômeno Olavo de Carvalho. O primeiro, seria corrente tradicionalista, que cumpriu intersecções com o

neofascismo global, mas manteve autonomia intelectual e organizativa (SEDGWICK, 2020). Além disso, a direita cristã, sobretudo dos EUA, pode fornecer um cabedal mais efetivo, inclusive por conta da proximidade geográfica, sem falar nas interfaces com a questão religiosa (CASARÕES, 2022).

Em linhas gerais, esta é uma hipótese que merece ser desenvolvida com atenção, considerando essas modulações em torno de aspectos conjunturais, inclusive em tópicos como as sociedades pós-industriais e, particularmente, as reações à direita aos novos movimentos sociais. Além disso, seria proveitoso incluir essa questão no debate sobre a Nouvelle Droite, a metapolítica e a identidade europeia como fenômenos dissociados do campo neofascista, como sugere parte da bibliografia sobre o tema (ZUQUETE, 2018). Sinteticamente, creio que seja necessária uma análise comparada, relacionando elementos da História Conceitual do Político e da História Intelectual, para entender os possíveis limites dessas aproximações entre uma metapolítica neofascista e uma hipotética metapolítica da ultradireita brasileira.

Ainda sobre o neofascismo, o texto de Larissa Jacheta Riberti (“Os neofascismos no Brasil e na América Latina. Um diálogo com Odilon Caldeira Neto”) traz aspectos importantes para pensar a particularidade da América Latina nos fenômenos mais recentes das expansões das extremas direitas. Este é um ponto fundamental, pois a América Latina não pode ser vista como mera reprodutora de modelos internacionais.

Concordo em grande medida sobre o trânsito histórico entre o anticomunismo, o antipetismo, o imaginário da Guerra Fria como componentes reativados para dar conta de novas demandas, impulsionadas fortemente pela crise econômica e das problemáticas do neoliberalismo. E as particularidades do modelo econômico bolsonarista não podem ser negligenciadas, pois foram um forte componente para a possibilidade concêntrica e aglutinadora do processo eleitoral de Jair Bolsonaro.

Tenho ressalvas, contudo, a entender esse fenômeno como um “neofascismo à brasileira”. A busca pela particularidade brasileira é importante, sem dúvida, para dar conta de questões como etnicidade, diversidades e assim por diante, mas creio que possa trazer limites interpretativos à própria categoria neofascismo. Em outros momentos históricos, outras expressões das direitas brasileiras também foram classificadas como fascistas ou neofascistas: o Estado Novo de Getúlio Vargas, a ditadura civil-militar de 1964, ou mesmo projetos políticos como o Prona, de Enéas Carneiro.

Comparativamente, qual seria, nestas expressões pretéritas, o ponto assimilável ao projeto e contexto político incorporado na candidatura e governo Bolsonaro? Há limites, penso. Por essa razão, a sugestão de olhar o neofascismo como um fenômeno matizado busca dar conta não apenas de um esforço em esmiuçar o próprio “neofascismo tardio”, mas também para entender quais são as suas possibilidades e limites de interlocução com o campo da ultradireita. Relações, certamente há. Mas é necessário mensurar detalhadamente esse fenômeno.

Em outra via, mas tratando sobre o neofascismo, o comentário de Fábio Gentile em “A gênese do neofascismo e o caso brasileiro. Reflexões à margem do artigo de Odilon Caldeira Neto” suscita algumas questões que, por escolha individual, procurei não aprofundar extensamente no artigo. Ainda que esteja manifesto o entendimento do “neofascismo tardio”, existe um projeto político que merece ser analisado com atenção em torno da discussão conceitual entre neofascismo e pós-fascismo: o Partido de Representação Popular (PRP). Este é um debate importante a ser colocado, justamente porque fornece uma similaridade temporal com o caso paradigmático do Movimento Social Italiano, assim como a discussão conceitual trazida por autores como Piero Ignazi (1994). Seria o PRP uma via frustrada de neofascismo, obliterada pelo contexto da Guerra Fria e da turbulência política concretizada em 1964? É uma questão a se avaliar com atenção.

Por fim, mas não menos importante, as questões de métodos, métricas a perspectiva historiográfica me auxiliam a pensar o problema de pesquisa, mas também o próprio campo de estudos. O olhar comparado proposto por Carles Viñas em “Neofascismo en España, una tentación con vocación renovadora inconclusa” joga luz sobre uma questão fundamental.

Tal qual o caso brasileiro, muitas das transições democráticas tardias colocaram limites às articulações e reproduções “pujantes” das formatações políticas do campo neofascista global. Olhando de maneira cruzada e comparada, entre Brasil e Espanha, muitas destas questões ficam nítidas. Poderíamos, eventualmente, tratar a partir de processos globais distintos do neofascismo? Isto é, haveria uma sincronia temporal em dois principais modelos – um mais periférico, outro mais central – que se encontrariam a partir da revolução tecnológica? Esta seria uma hipótese.

A defesa de uma história global do neofascismo é, por extensão, a compreensão de várias histórias do neofascismo, que lidam com questões também globais, como a própria globalização, mas de tema ligados às experiências dos fascismos e autoritarismos do século XX, como traumas coletivos e transições democráticas. E o local também cumpre função central, pois questões religiosas (como a raiz católica, na Espanha) ou mesmo étnicas (como o mito da democracia racial, no Brasil), impõem tempos e espaços distintos nas interlocuções neofascistas. Talvez, um olhar cruzado entre Europa e América Latina possa trazer pistas para o entendimento deste problema de pesquisa.

Essa percepção incorpora, em grande medida, as críticas trazidas por Janaína Martins Cordeiro em “Neofascismo no Brasil: o local, o global e as circulações”. Além da tensão entre local e global, a história do neofascismo precisa lidar com as conexões, que são pontos de retomadas de questões pretéritas, como o transnacionalismo das direitas, mas também de uma formação de quadros intelectuais que serão apropriados pelos expoentes mais recentes. A circularidade, aqui, cumpre papel fundamental, pois fornece conexões no campo político e intelectual, assim como em torno dessa historicidade reivindicada.

Um outro ponto a destacar, na minha leitura, diz respeito ao campo de estudo das direitas. Certamente, a historiografia das direitas é um universo bastante consolidado, seja no Brasil ou no exterior. Contudo, nos últimos anos, particularmente no Brasil, este campo sofreu um intenso crescimento. Em primeiro lugar, penso que isso diz respeito à dimensão global do fenômeno, mas também à particularidade do bolsonarismo e os extremismos de direita. Se as produções aumentaram vertiginosamente, assim como a demanda social para pesquisadoras e pesquisadores ocuparam o debate público, em termos práticos, o fim do governo Bolsonaro será um momento de reavaliação dessas produções. Nesta agenda, os grupos e redes de pesquisadoras e pesquisadores serão fundamentais para qualificar ainda mais o debate.

Se durante décadas, foi necessário justificar a viabilidade do campo de estudo sobre as direitas, tudo leva a crer que este tempo é passado. Creio que os próximos anos serão fundamentais para a construção de consensos, balanços sobre categorias e conceitos (tais como bolsonarismo, ultradireita e o próprio neofascismo), e a qualificação. Por essas razões, agradeço aos comentários e críticas, e espero que consigamos proporcionar, coletivamente, essa necessária interlocução qualificada de um campo em plena expansão.

REFERÊNCIAS

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. *Journal of Democracy*, ano 11, n. 2, 2022, pp. 7-44.

FORTI, Steven. *Extrema derecha 2.0: Qué es y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI, 2021.

IGNAZI, Piero. *Postfascisti? Dal Movimento sociale italiano ad Alleanza nazionale*. Bolonha: Il Mulino, 1994.

SANAHUJA, Juan Antonio; LÓPEZ BURIAN, Camilo. Las derechas neopatriotas en América Latina: contestación al orden liberal internacional. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, Barcelona, n. 126, pp. 41-64, 2020.

SANAHUJA, Juan A.; LÓPEZ BURIAN, Camilo. Latin American neo-patriot far-right: Between the crisis of globalisation and regional political processes. In: PEREYRA, Gisela; SOUROUJON, Gaston. (eds.). *Global Resurgence of the Right*. London: Routledge, 2021. p. 98-122.

SEDGWICK, Mark. *Contra o mundo moderno: O Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX*. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

ZUQUETE, José P. *The Identitarians: The Movement against Globalism and Islam in Europe*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Odilon Caldeira Neto: Doutor em História. Professor adjunto, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Juiz de Fora, MG, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Gabinete C-IV-38, Rua José Lourenço Kelmer, S/Nº - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.



CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Odilon Caldeira Neto. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Fabio Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 2 de janeiro de 2023

Aprovado em: 4 de fevereiro de 2023

Como citar: CALDEIRA NETO, Odilon. O neofascismo no Brasil: entre escalas, abordagens e historicidade. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 702-709, set./dez. 2022.

